

DOCTRINAÇÃO DE ESPÍRITOS

Astolfo O. de Oliveira Filho - De Londrina (PR)

Necessidade de doutrinação

1. Alguns espíritas, diz Herculano Pires ¹, pretendem suprimir a doutrinação, alegando que esta é realizada com mais eficiência pelos bons Espíritos no plano espiritual. Essa é uma prova de ignorância generalizada da Doutrina no próprio meio espírita, pois nela tudo se define em termos de relação e evolução. Os Espíritos sofredores permanecem apegados à matéria e à vida terrena, razão pela qual os Protetores Espirituais têm dificuldade de comunicar-se com eles. O seu envolvimento com os fluidos e as emanções ectoplásmicas próprias da sessão mediúnica lhes é, portanto, necessário, o que evidencia que a reunião mediúnica e a doutrinação humana dos desencarnados são uma necessidade.

2. A morte não tem o poder de transformar ninguém. Cada Espírito, ao desencarnar, leva consigo suas virtudes e defeitos, continuando na vida espiritual a ser o que era quando ligado ao corpo, com seus vícios e condicionamentos materiais, dos quais se liberta pouco a pouco. Além disso, confundido pelas lições recebidas das religiões tradicionais, o Espírito não encontra no Além aquilo que esperava: nem céu, nem inferno, muito menos o repouso até o juízo final. Ao contrário, ele aí encontra a dura realidade espiritual, fundamentada na existência da lei de causa e efeito, onde cada qual se mostra como é, sem disfarces, falsas aparências ou o verniz social.

3. Sua condição espiritual determina sua aura psíquica e seu peso específico, frutos ambos da elevação maior ou menor de seus pensamentos, sentimentos e atos. Quanto mais elevados estes forem, mais rarefeito será seu perispírito, de modo que cada habitante do mundo espiritual se coloca em seu merecido e devido lugar, sem privilégios de qualquer espécie.

4. Os que se encontram em posição de perturbação por falta de esclarecimento adequado, ou por renitência no mal, necessitam ser orientados, para que, em se modificando mentalmente, melhorem sua condição espiritual. Como muitas vezes estão ainda cheios de condicionamentos materiais, tais Espíritos repelem a ação mais direta dos orientadores desencarnados, razão pela qual requerem um contato com os encarnados, naturalmente mais afeitos aos fluidos densos da matéria. É o que ocorre nas sessões mediúnicas.

5. Os orientadores desencarnados lhes falam, mas não conseguem atingi-los. Em contato, porém, com um médium, pelo fato de terem vibrações assemelhadas, há a possibilidade de entendimento. Surge, então, a doutrinação, que visa a modificar sua forma de pensar e de agir, buscando sua melhora. Ensinando-lhes o caminho do bem e do perdão, despertando-os para a necessidade de renovação espiritual, ajudamo-los a descobrir o Evangelho de Jesus para a sua libertação integral. É por isso que a doutrinação dos Espíritos desencarnados é de grande importância para apressar o progresso dos companheiros que estagiam no mundo espiritual, trazendo benéficos resultados para o mundo corpóreo.

Objetivos das sessões de doutrinação

6. Diz-nos Edgard Armond ² que as sessões de doutrinação de Espíritos objetivam esclarecer entidades desencarnadas a respeito de sua própria situação espiritual, orientando-as no sentido do seu despertar no plano invisível e o seu subseqüente equilíbrio e progresso espirituais.

7. Para facilitar o seu despertar ou o seu esclarecimento, Espíritos jungidos ao habitat terrestre por força da lei de afinidade são trazidos às sessões de doutrinação e aí ligados momentaneamente a médiuns de incorporação, com o que, no contato com os fluidos benéficos da corrente aí formada, acrescidos dos ensinamentos recebidos do doutrinador encarnado, logram quase sempre despertar e retomar o caminho do aperfeiçoamento espiritual.

8. Doutrinar Espíritos não é, porém, tarefa fácil, pois exige conhecimentos doutrinários bastante desenvolvidos e senso psicológico para que o doutrinador possa captar com rapidez a verdadeira feição moral do caso que defronta e, em consequência, encaminhar a doutrinação no devido rumo. É necessário ainda ao doutrinador

possuir paciência e bondade, humildade e tolerância, porque somente com auxílio dessas virtudes poderá enfrentar os casos mais difíceis em que se manifestam Espíritos maldosos, zombeteiros ou empedernidos.

9. Segundo observa André Luiz ³, a pessoa envolvida nessa tarefa não pode esquecer que a Espiritualidade Superior confia nela e dela aguarda o cultivo de determinados atributos como os que se seguem:

- a) direção e discernimento;
- b) bondade e energia;
- c) autoridade fundamentada no exemplo;
- d) hábito de estudo e oração;
- e) dignidade e respeito para com todos;
- f) afeição sem privilégios;
- g) brandura e firmeza;
- h) sinceridade e entendimento;
- i) conversação construtiva.

10. A doutrinação, informa Herculano Pires ⁴, existe em todos os planos, mas o trabalho mais rude e pesado é o que se processa em nosso mundo. Orgulhoso e inútil, e até mesmo prejudicial, será o doutrinador que se julgar capaz de doutrinar por si mesmo. Sua eficiência depende sempre de sua humildade, que lhe permite compreender a necessidade de ser auxiliado pelos bons Espíritos. O doutrinador que não compreende esse princípio precisa de doutrinação e esclarecimento, para alijar do seu espírito a vaidade e a pretensão. Só pode realmente doutrinar Espíritos quem tiver amor e humildade.

11. Dito isto, Herculano Pires observa que é importante não confundir humildade com atitudes piegas, com melosidade. Muitas vezes a doutrinação exige atitudes enérgicas, não ofensivas nem agressivas, mas firmes e imperiosas. É o momento em que o doutrinador trata o obsessor com autoridade moral, a única autoridade que podemos ter sobre os Espíritos inferiores, que sentem a nossa autoridade e se submetem a ela, em virtude da força moral de que dispusermos. Essa autoridade, no entanto, só conseguimos adquirir por meio de uma vivência digna no mundo, sendo sempre corretos em nossas intenções e em nossos atos, em todos os sentidos, porquanto as nossas falhas morais não combatidas, não controladas, diminuem nossa autoridade sobre os obsessores.

Resultados da doutrinação de Espíritos

12. Os benefícios da desobsessão são incalculáveis. André Luiz ⁵ assevera: "Erraríamos frontalmente se julgássemos que a desobsessão apenas auxilia os desencarnados que ainda pervagam nas sombras da mente. Semelhantes atividades beneficiam a eles, a nós, bem assim os que nos partilham a experiência cotidiana, seja em casa ou fora do reduto doméstico e, ainda, os próprios lugares espaciais em que se desenvolve a nossa influência".

13. O referido autor espiritual mostra-nos, então, que a desobsessão areja os caminhos mentais e nos imuniza contra os perigos da alienação, estabelecendo vantagens ocultas em nós, para nós e em torno de nós. Refere ele na mesma obra: "Através dela, desaparecem doenças-fantasmas, empecos obscuros, insucessos, além de obtermos com o seu apoio espiritual mais amplos horizontes ao entendimento da vida e recursos morais inapreciáveis para agir, diante do próximo, com desapego e compreensão".

14. Os resultados da doutrinação dependem do ambiente formado pelos pensamentos do dirigente e dos participantes, da condição moral que o dirigente apresente para orientar os Espíritos e da própria condição espiritual da entidade, que pode aceitar ou não os conselhos e esclarecimentos que recebe. O resultado dependerá também dos métodos utilizados, que devem ser aplicados de acordo com a circunstância e a necessidade do momento.

15. Assevera Herculano Pires ⁶: "A doutrinação espírita equilibrada, amorosa, modifica a nós mesmos e aos outros, abre as mentes para a percepção da realidade-real que nos escapa, quando nos apegamos à ilusão das nossas pretensões individuais, geralmente mesquinhas".

16. O objetivo da doutrinação dos Espíritos é o esclarecimento da entidade comunicante quanto ao seu estado transitório de perturbação, as causas de seus sofrimentos e a forma pela qual poderá encontrar a solução para seus problemas. O esclarecedor e todos os membros do grupo mediúnico são chamados a vibrar amorosa-

mente em favor da entidade, demonstrando solidariedade com o seu sofrimento e emitindo pensamentos de auxílio e apoio moral.

17. Depois de esclarecido e de haver aceito o novo caminho que se lhe abre, o Espírito apresenta mudanças no seu modo de agir. Se empedernido, mostrar-se-á tocado e sensível aos ensinamentos cristãos, buscando nova forma de encarar a vida; se revoltado, mostrar-se-á submisso à Lei suprema, que não é injusta com ninguém; se odioso, observará as conseqüências em si mesmo de sua sementeira infeliz e procurará dominar seus maus sentimentos; se desesperado, notará agora novas possibilidades de alcançar a paz através do trabalho e da fé ativa. A doutrinação abre para os desencarnados um novo panorama de vida, onde novas atividades se desdobram, com possibilidades de trabalho, felicidade e progresso.

Métodos a serem utilizados

18. Na tarefa de doutrinação dos Espíritos que se comunicam nas sessões mediúnicas não existe regra fixa, pois cada caso é único. Como a doutrinação não objetiva somente Espíritos sofredores, mas igualmente Espíritos ignorantes que ainda permanecem em esferas de embrutecimento, e Espíritos maldosos que se devotam ao mal conscientemente, bem variado deve ser o modo de doutrinar uns e outros.

19. Há, entretanto, determinadas regras que não podem deixar de ser aplicadas nessa tarefa:

- a) receber com atenção e interesse as comunicações;
- b) ouvi-las com paciência e imbuído da melhor intenção de ajudar;
- c) envolver o comunicante em um clima de vibrações fraternais, dando oportunidade para que ele fale;
- d) estabelecer em tempo oportuno um diálogo amigável e esclarecedor;
- e) evitar acusações e desafios desnecessários;
- f) confortar e amparar através do esclarecimento;
- g) não discutir com exaltação tentando impor seu ponto de vista;
- h) não receber a todos como se fossem embusteiros e agentes do mal;
- i) ser preciso e enérgico na hora necessária, sem ser cruel e agressivo;
- j) evitar o tom de discurso e também as longas preleções;
- l) ser claro, objetivo, honesto, amigável, fraterno, procurando dar ao comunicante aquilo que gostaria de receber se no lugar dele estivesse.

20. André Luiz ⁷ atribui o serviço de doutrinação à equipe de médiuns esclarecedores, a quem ele sugere a observância da seguinte postura para o bom cumprimento de sua tarefa:

- a) guardar atenção no campo intuitivo, a fim de registrar com segurança as sugestões e os pensamentos dos benfeitores espirituais que comandam as reuniões;
- b) tocar no corpo do médium em transe somente quando necessário;
- c) cultivar o tato psicológico, evitando atitudes ou palavras violentas, mas fugindo da doçura sistemática que anestesia a mente sem renová-la, na convicção de que é preciso aliar raciocínio e sentimento, compaixão e lógica, a fim de que a aplicação do socorro verbalista alcance o máximo rendimento;
- d) estudar os casos de obsessão surgidos na equipe mediúnica, que devam ser tratados na órbita da psiquiatria, para que a assistência médica seja tomada na medida aconselhável;
- e) impedir a presença de crianças nas tarefas da desobsessão.

21. André Luiz ⁸ recomenda ainda a dirigentes e esclarecedores, bem como a todos os que participam das reuniões mediúnicas, que tenham sempre em mente:

I - desobsessão não se realiza sem a luz do raciocínio, mas não atinge os fins a que se propõe, sem as fontes profundas do sentimento;

II - o esclarecimento aos desencarnados sofredores se assemelha à psicoterapia e que a reunião é tratamento em grupo, na qual, sempre que possível, deverão ser aplicados os métodos evangélicos;

III - a parte essencial ao entendimento é atingir o centro de interesse do Espírito preso a idéias fixas, para que se lhes descongestione o campo mental, sendo de todo impróprio, por causa disso, qualquer discurso ou divagação desnecessária;

IV - os manifestantes desencarnados, seja qual for sua conduta na reunião, são, na realidade, Espíritos carecedores de compreensão e tratamento adequados, a exigir paciência, entendimento, socorro e devotamento fraternais;

V - cada Espírito sofredor deve ser recebido como se fosse um familiar nosso extremamente querido; agindo assim, acertaremos com a porta íntima através da qual lhe falaremos ao coração;

VI - pelo que ouça do manifestante, o esclarecedor deduzirá qual o sexo a que o Espírito comunicante tenha pertencido na precedente existência, para que a conversação elucidativa se efetue na linha psicológica ideal;

VII - os problemas de animismo ou de mistificação inconsciente que porventura surjam no grupo, devem ser analisados sem espírito de censura ou de escândalo, cabendo ao dirigente fazer todo o possível para esclarecer com paciência e caridade os médiuns e os desencarnados envolvidos nesses processos;

VIII - é preciso anular qualquer intento de discussão ou desafio com os Espíritos comunicantes, dando mesmo razão, algumas vezes, aos manifestantes infelizes e obsessores;

IX - nem sempre a desobsessão real consiste em desfazer o processo obsessivo, de imediato, porquanto em diversos casos a separação de obsidiado e obsessor deve ser praticada lentamente;

X - quando necessário, o esclarecedor poderá praticar a hipnose construtiva no ânimo dos Espíritos sofredores, quer usando a sonoterapia para entregá-los à direção e ao tratamento dos instrutores espirituais presentes, com a projeção de quadros mentais proveitosos ao esclarecimento, quer sugerindo a produção e ministração de medicamentos ou recursos de contenção em favor dos manifestantes que se mostrem menos acessíveis à enfermagem do grupo;

XI - não se deve constranger os médiuns psicofônicos a receberem os desencarnados presentes, atentos ao preceito da espontaneidade, fator essencial ao êxito do intercâmbio;

XII - o esclarecimento não deve ser longo em demasia, perdurando a palestra educativa em torno de dez minutos, ressalvadas as situações excepcionais;

XIII - se o manifestante perturbado se fixar no braseiro da revolta ou na sombra da queixa, indiferente ou recalcitrante, o esclarecedor solicitará a cooperação dos benfeitores espirituais presentes para que o necessitado rebelde seja confiado à assistência espiritual especializada. Nesse caso, a hipnose benéfica poderá ser utilizada para que o magnetismo balsamizante asserene o companheiro perturbado e o afastamento dele seja efetivado.

22. Reportando-se aos casos em que os Espíritos comunicantes se mostram demasiado renitentes, a ponto de perturbar os trabalhos, sugere Herculano Pires ⁹ que aí o melhor a fazer é chamar o médium a si mesmo, fazendo-o desligar-se do Espírito perturbador. O episódio servirá ainda para reforçar a confiança do médium em si mesmo, demonstrando-lhe que pode interromper por sua vontade as comunicações perturbadoras. O Espírito geralmente voltará em outras sessões, mas então já tocado pelo efeito da doutrinação e desiludido de sua pretensão de dominar o ambiente.

23. Hermínio C. Miranda ¹⁰ afirma que, no início, os Espíritos em estado de perturbação não estão em condições psicológicas adequadas à pregação doutrinária. Necessitam, então, de primeiros socorros, de quem os ouça com paciência e tolerância. “A doutrinação virá no momento oportuno, e, antes que o doutrinador possa dedicar-se a este aspecto específico, ele deve estar preparado para discutir o problema pessoal do espírito, a fim de obter dele a informação de que necessita”, esclarece Hermínio.

24. Divaldo P. Franco ¹¹ concorda: “Não podemos ter a presunção de fazer o que a Divindade tem paciência no realizar. Essa questão de esclarecer o Espírito no primeiro encontro é um ato de invigilância e, às vezes, de leviandade, porque é muito fácil dizer a alguém que está em perturbação: **Você já morreu!** É muito difícil escutar-se esta frase e recebê-la serenamente”. E acrescenta: “A nossa tarefa não é a de dizer **verdades**, mas a de **consolar**, porque dizer simplesmente que o comunicante já desencarnou os Guias também poderiam fazê-lo. Deve-se entrar em contato com a Entidade, participar de sua dor, consolá-la, e, na oportunidade que se faça lógica e própria, esclarecer-lhe que já ocorreu o fenômeno da morte...”

25. A tarefa assemelha-se, desse modo, ao chamado atendimento fraterno que as Casas espíritas dispõem aos encarnados que as buscam, em que é mais importante ouvir do que falar, idéia essa defendida por Suely Caldas Schubert em recente palestra realizada em Londrina.

26. A propósito do assunto, Raul Teixeira ¹² sugere: “O doutrinador dispensará, sempre, os discursos durante a doutrinação, entendendo-se aqui discurso não como a linha ideológica utilizada, mas sim a falação interminável, que não dá ensejo à outra parte de se exprimir, de se explicar. Muitas vezes, na ânsia de ver as Entidades esclarecidas e renovadas, o doutrinador se perde numa excessiva e cansativa cantilena, de todo improdutiva e exasperante”. “O diálogo com os desencarnados deverá ser sóbrio e consistente, ponderado e clarificador, permitindo boa assimilação por parte do Espírito e excelente treino lógico para o doutrinador.”

27. Para Roque Jacintho ¹³, a paciência inscreve-se como uma das virtudes maiores de todos os que se dedicam à tarefa da doutrinação das entidades desencarnadas. A paciência, diz ele, é filha do amor-sábio. Por isso é que, envolvendo os nossos semelhantes com as vibrações de nosso amor, poderemos ouvi-los dissertar longamente sobre seus problemas, sem nos atirmos à empreitada de demoli-los ou censurá-los, pois sabemos que eles se levantarão um dia. A ironia jamais nos açulará à ação de revide nem a ímpetos de agressão, porque acolheremos a nossa humilhação como degraus da escada evolutiva. Saber ouvir será tão importante quanto falar. Saber calar será tão urgente quanto redargüir. Saber pacificar será tão importante quanto reagir. Saber compreender será tão importante quanto ser compreendido.

28. O doutrinador e o esclarecedor devem ter, por fim, a consciência de que o bem prodigalizado às entidades em sofrimento vem do mais alto, como ensina Emmanuel ¹⁴ nesta advertência psicografada por Francisco Cândido Xavier: “Que os doutrinadores sinceros se rejubilem, não por submeterem criaturas desencarnadas, em desespero, convictos de que em tais circunstâncias o bem é ministrado, não propriamente por eles, em sua feição humana, mas por emissários de Jesus, caridosos e solícitos, que os utilizam à maneira de canais para a misericórdia divina; que esse regozijo nasça da oportunidade de servir ao bem, de consciência sintonizada com o Mestre Divino, entre as certezas doces da fé, solidamente guardada no coração” .

Hábitos inconvenientes que devem ser abolidos

29. Diversos autores têm chamado a atenção para hábitos, vícios e práticas que precisam ser abolidos das sessões mediúnicas.

30. Edgard Armond ¹⁵ considera absolutamente inconvenientes as atitudes seguintes:

- a) exigir o nome do Espírito comunicante;
- b) crer cegamente no que diz o Espírito;
- c) o misticismo exagerado;
- d) a verbosidade e o falatório inútil, que são próprios de Espíritos mistificadores e irresponsáveis;
- e) a agitação por parte dos médiuns que batem mãos e pés, bufam, gemem, gritam, contorcem-se durante a sessão;
- f) as preces lidas;
- g) estabelecer ordem para os médiuns darem passividade;
- h) conferir hegemonia a determinado médium;
- i) abertura e fechamento da sessão pelos guias;
- j) o uso de roupas e vestimentas especiais.

31. Emílio Manso Vieira ¹⁶ chama-nos a atenção para uma outra prática igualmente condenável, que é o afastamento dos Espíritos obsessores por meio da violência. Os dirigentes que assim procedem confundem energia serena, fruto da autoridade moral, com processos violentos de forças vibratórias. André Luiz nos mostra em “Libertação”, cap. XIV, qual a maneira correta de agir nesses casos, reabilitando o obsidiado e conquistando o obsessor por meio de elucidações amáveis e atitudes dignificantes.

32. Roque Jacintho ¹⁷ reporta-se a determinadas informações ou perguntas que alguns doutrinadores apresentam equivocadamente aos comunicantes, tais como:

- “Você já morreu e não pode sentir dores”
- “Ingresse nas escolas daí para aprender”
- “Você está doente. Procure um hospital”
- “Por que você não perdoa?”
- “Por que você não abandona aquela casa?”

33. Há doutrinadores, adverte Roque Jacintho ¹⁸, que entendem que acordar de súbito o Espírito comunicante para a realidade seja um benefício e, por isso, costumam informá-los, abruptamente, que já estão mortos. O resultado dessa atitude é, amiúde, a loucura que se instala nos infelizes que desconheciam a própria morte. Evitemos, portanto, ferir diretamente a questão da morte com os Espíritos que não sabem que já desencarnaram. Ofereçamos-lhes orientação, conduzindo os entendimentos dentro do âmbito de suas necessidades pessoais e, pouco a pouco, eles mesmos compreenderão o fenômeno pelo qual passaram.

34. Herculano Pires ¹⁹, em apoio a essa idéia, observa que, se o doutrinador disser cruamente a esses Espíritos que eles já morreram, mais assustados e confusos eles ficarão. Devemos, pois, tratar a entidade comu-

nicante como se ela estivesse doente e não desencarnada. Mudando a sua situação mental e emocional, em poucos instantes ela mesma perceberá que já passou pelo transe da morte e que se encontra amparada por familiares e amigos que procuram ajudá-la.

Tipos de Espíritos comunicantes

35. O doutrinador deve ler e reler, com atenção e persistência, a *escala espírita* constante de “O Livro dos Espíritos” (item 100 e seguintes), para bem informar-se dos tipos de Espíritos com que vai se defrontar nas sessões. Essa recomendação feita por Herculano Pires ²⁰ tem por fundamento o ensinamento transmitido pelo Espírito de Sócrates, constante do item 197 de “O Livro dos Médiuns”. Segundo Sócrates, a escala espírita e o quadro sinótico das diferentes espécies de médiuns – a que se refere o capítulo XVI de “O Livro dos Médiuns” – devem estar constantemente sob os olhos de todo aquele que se ocupa das manifestações, porque um e outra resumem todos os princípios da Doutrina Espírita e contribuirão, mais do que supomos, para trazer o Espiritismo ao verdadeiro caminho. (*Veja um resumo da escala espírita no item 9 do Apêndice.*)

36. Suely Caldas Schubert ²¹ organizou, com base na sua longa experiência na prática da mediunidade, uma lista de 17 diferentes tipos de Espíritos, tal como se apresentam nas reuniões mediúnicas, à qual acrescentou uma série de sugestões concernentes ao tratamento adequado a cada caso.

37. Eis a lista e as recomendações propostas pela confreira mineira, salientando-se que nas cinco primeiras situações os comunicantes devem receber também o socorro do passe:

I - Espíritos que não conseguem falar. Quatro podem ser as causas da mudez: problemas mentais que interferem no centro da fala, ódio, reflexo de doenças havidas antes da desencarnação e desejo de não deixar transparecer o que pensam. O passe e a prece ajudam muito os que, tendo tido problema de mudez quando encarnados, pensam que continuam mudos. Não se recomenda, em nenhuma das circunstâncias citadas, forçá-los a falar;

II - Espíritos de suicidas. Como eles sofrem muito, cabe ao doutrinador socorrê-los, aliviando-lhes os sofrimentos através do passe. Precisam mais de consolo que de doutrinação;

III - Espíritos de alcoólatras e toxicômanos. Nenhum resultado produz falar-lhes sobre a inconveniência dos vícios. Devemos falar-lhes sobre Jesus e o Evangelho, e, em caso de delírios, o passe é o meio de aliviá-los;

IV - Espíritos dementados. Como não têm consciência de coisa alguma, devem ser socorridos com passes;

V - Espíritos sofredores. Deve-se aliviá-los através da prece e do passe. A maioria adormece e é levada pelos trabalhadores espirituais;

VI - Espíritos que desconhecem a própria situação. É muito comum o Espírito ignorar que já desencarnou, mas há indivíduos que não têm condições de serem informados sobre a própria morte. A explicação deve ser feita com tato, dosando-se a verdade conforme o caso. Devemos antes infundir-lhes a confiança em Deus, a idéia de que a vida se processa em vários estágios, que ninguém morre (a prova mais evidente é ele estar ali falando) e que a vida verdadeira é a vida espiritual;

VII - Espíritos que desejam tomar o tempo da reunião. Valem-se de vários artifícios para alongar a conversa e têm resposta para tudo. Não se deve debater com eles, mas sim levá-los a pensar em si mesmos. De um modo geral, costumam voltar outras vezes;

VIII - Espíritos irônicos. A ironia de que se utilizam torna difícil o diálogo. Procuram ferir o doutrinador e os membros do grupo com comentários e críticas mordazes. Não se deve ficar melindrado com isso, porque é exatamente o que desejam. Aceitando com humildade suas reprimendas, sem procurar defender-se, o esclarecedor fará com que fiquem desarmados. Conscientizá-los do verdadeiro estado em que se encontram, da solidão e da tristeza em que vivem, afastados dos seus afetos mais caros, eis o caminho a seguir no diálogo;

IX - Espíritos desafiantes. O doutrinador deve encaminhar o diálogo atento a alguma observação que o comunicante faça e que possa servir de base a atingir-lhe o ponto sensível;

X - Espíritos descrentes. Dizem-se frios, céticos, ateus. O doutrinador tem, porém, um argumento favorável ao mostrar-lhes que, apesar do que pensam, continuam vivos e se comunicam através da mediunidade. Pode-se dizer-lhes ainda que essa indiferença resulta dos sofrimentos por que passam, mas que isso não os levará a nada de bom, e sim a maiores dissabores e a uma solidão insuportável. Não se deve tentar provar que Deus existe, mas, em primeiro lugar, tentar despertá-los para a realidade da vida. Depois, o doutrinador dirá, com bastante tato, que somente o Pai pode oferecer-lhes o remédio e a cura para seus males;

XI - Espíritos amedrontados. É necessário infundir-lhes confiança, mostrando que naquele recinto eles estão a salvo de qualquer ataque, desde que também se coloquem sob a proteção de Jesus;

XII - Espíritos vingativos. A vingança e o ódio perturbam os Espíritos vingativos, por isso é preciso levá-los a refletir sobre si mesmos, para que verifiquem o estado em que se encontram e o mal que o ódio e a vingança produzem nos indivíduos que odeiam e desejam vingança. O doutrinador, tendo sempre em mente a orientação dada por Allan Kardec no cap. 28, item 81, de “O Evangelho segundo o Espiritismo”, deve enfatizar que a força que eles tentam demonstrar se dilui ante o poder do amor que dimana de Jesus;

XIII - Espíritos que auxiliam os obsessores. Deve-se dizer-lhes que ninguém é chefe de ninguém e que o nosso único chefe é Jesus. O esclarecedor mostrará também o mal que estão praticando e do qual advirão sérias conseqüências para eles mesmos;

XIV - Espíritos obsessores inimigos do Espiritismo. Deve-se evitar comentários sobre religião, porquanto geralmente nossos adversários são ligados a outros credos religiosos. O diálogo deve ser em torno dos ensinamentos de Jesus, comparando-se o que o Mestre ensinou e as atitudes dos que se dizem seus legítimos seguidores;

XV - Espíritos galhofeiros e zombeteiros. É preciso ter muita paciência com tais entidades, mantendo-se elevado o teor dos pensamentos. O diálogo buscará torná-los conscientes da inutilidade de sua atitude, mostrando-lhes que o riso encobre, comumente, o medo, a solidão e o desassossego;

XVI - Espíritos ligados a terreiro e magia. Muitas vezes estão vinculados a algum nome ou caso que esteja sendo tratado pelo grupo. O esclarecedor irá observar a característica apresentada, fazendo a abordagem correspondente;

XVII - Espíritos mistificadores. Há mistificadores que se comunicam aparentando ser um sofredor, um necessitado, com a finalidade de desviar o ritmo das tarefas e de ocupar o tempo. O médium experiente e o grupo bem afinizado os identificarão, mas é preciso para isso vigilância e discernimento. As vibrações do Espírito permitem ao médium captar sua real intenção. No momento da avaliação, após a reunião, o médium deve declarar o que sentiu e qual era o verdadeiro objetivo do comunicante.

38. Às sugestões de Suely Caldas Schubert acrescentamos algumas recomendações feitas por Edgard Armond²² em sua obra:

I - Espíritos portadores de moléstias. Basta dizer-lhes que tais enfermidades são simples reflexos perispirituais de perturbações do corpo físico e que, para eliminá-las, basta que o sofredor as varra de sua mente pela vontade, use da prece para readquirir suas forças e se disponha a qualquer trabalho construtivo a bem do próximo;

II - Espíritos inconscientes, em período de readaptação ao novo meio. O recurso em tais casos são as preces e as vibrações fluídicas realizadas no ato pelos auxiliares do trabalho, verificando-se que muitas vezes o contato do sofredor com a corrente basta para o seu despertar;

III - Espíritos de suicidas. A doutrinação deve visar ao esclarecimento sobre o erro cometido, enfatizando-se que o corpo é o santuário do Espírito encarnado e elemento de imenso valor para a realização das provas necessárias à redenção espiritual neste plano, principalmente o resgate de dívidas pretéritas;

IV - Espíritos portadores de perturbações psíquicas como tristeza, desânimo, manias, fobias etc. Devem ser instruídos sobre o valor das atividades construtivas e da necessidade do seu despertar para as lutas do porvir.

Apêndice

1. Do livro “Os Mensageiros”, de André Luiz:

1.1 - Monteiro partira de "Nosso Lar", em missão de entendimento espiritual e tivera a própria mãe como orientadora. Sob seu controle, estavam alguns médiuns de efeitos físicos, de psicografia e de incorporação. Mas era tal o fascínio que o intercâmbio mediúnico exercia sobre ele, que acabou se distraindo por completo quanto à essência moral da doutrina. Era um doutrinador implacável. Chegara a estudar longos trechos das Escrituras, para utilizá-los na conversa com ex-sacerdotes católicos que compareciam às sessões mediúnicas em estado de ignorância e perturbação. Acendia luzes para os outros, preferindo, porém, os caminhos escuros para si, esquecendo a si mesmo. Pregava a paciência dentro do grupo, mas era impaciente lá fora. Concitava os espíritos à serenidade, mas repreendia sem indulgência as senhoras humildes que não continham o pranto de alguma criança enferma presente à reunião. E no comércio era inflexível com seus devedores. Passava os dias no escritório estudando a melhor forma de perseguir os clientes em atraso, e à noite ia ensinar o amor aos semelhantes, a paciência e a doçura, exaltando o sofrimento e a luta como estradas benditas de preparação para Deus. Na verdade, estava cego, esquecido de que a existência terrestre é, por si só, uma sessão permanente. Quando a angina o levou à morte, encontrava-se absolutamente distraído da realidade essencial. Voltou à vida espiritual

qual demente necessitado de hospício. O raciocínio pedia socorro divino, mas o sentimento agarrava-se a objetivos inferiores. Viu-se, assim, rodeado de Espíritos malévolos que lhe repetiam longas frases de suas sessões mediúnicas. Eles, irônicos, lhe recomendavam serenidade, paciência e perdão e perguntavam por que ele não se desgarrava do mundo, estando já desencarnado.

1.2 - A revolta tomou conta de sua alma e, mais tarde, quando já estava recolhido em "Nosso Lar", exigiu explicações para o seu estado, visto que não se considerava fracassado. Veneranda, um dia, foi visitá-lo em momento que reservara a descanso. Monteiro crivou seus ouvidos de lamentações e ela o ouviu, pacientemente, por duas horas. Quando o ex-doutrinador se calou, Veneranda sorriu e disse: "Monteiro, meu amigo, a causa da sua derrota não é complexa, nem difícil de explicar. Entregou-se você excessivamente ao **Espiritismo prático**, junto dos homens, nossos irmãos, mas nunca se interessou pela verdadeira **prática do Espiritismo** junto de Jesus, nosso Mestre". Aquelas palavras, como um vulcão, mudaram por completo a atitude mental do ex-doutrinador fracassado. (Cap. 12, pp. 67 a 71.)

2. Do livro "Voltei", de Irmão Jacob:

2.1 - Em meados do século passado, Frederico Figner, conhecido espírita, ex-dirigente da Federação Espírita Brasileira e fiel estudioso do Evangelho de Jesus, com muita humildade descreveu seu encontro com as inevitáveis leis do Criador, no livro "Voltei", que ele assinou com o pseudônimo Irmão Jacob, psicografia de Francisco Cândido Xavier. Depois da transição delicada do momento da morte do corpo e de seu desprendimento como Espírito eterno, descreve ele o socorro recebido de mãos amoráveis, entre as quais a de sua jovem filha Marta, que partira muitos anos antes. Após os primeiros passos de adaptação no além-túmulo, inesperada situação se apresentou para a sua reflexão pessoal. Caminhando com amigos naquele ambiente rico em harmonia, de súbito percebeu que, embora a atenção prestimosa dos que o acompanhavam, algo em si estava diferente. Eis suas próprias palavras: "Reparei o halo de luz que a envolvia (*a Marta, sua filha*) e os traços brilhantes que cercavam Andrade, fixando-me, em seguida, num demorado auto-exame. Meu corpo espiritual jazia tão obscuro, quanto o veículo denso de carne. Por pouco, não me despenhei no desânimo lamentável. Não trazia ainda comigo suficiente bagagem de luz para buscar, confiante, a aproximação dos Espíritos Superiores".

2.2 - Convidado por amigos, veio à crosta visitar a Instituição espírita onde por muitos anos se dedicou à orientação dos Espíritos menos felizes ou mesmo agressivos. Ao adentrar o recinto, novo impacto o alcançaria. Diz ele: "Reparei, então, com mágoa, a diferença que existia entre mim e os abençoados companheiros que me haviam trazido. Ao passo que nenhum deles era visível aos irmãos ignorantes e perturbados, não obstante as irradiações brilhantes que lhes marcavam a individualidade, notavam-me a presença, entre os ajudantes intermediários, pertencentes aos cursos preparatórios de espiritualidade superior". Profunda tristeza tomou-lhe o coração. Conduzira muitos desencarnados à fonte sublime das claridades evangélicas, mas esquecera as próprias necessidades. Como ele mesmo diz, doutrinara muita gente ou pretendia haver doutrinado, contudo agora reconhecia a opacidade de sua alma. Ninguém, nenhum amigo o acusava; ninguém lhe proclamava as deficiências; o conflito era pessoal, de consciência. Ninguém o humilhava. Foi nesse momento que um amigo o aconselhou a reiniciar seus aprendizados de iluminação. Propôs-lhe o ingresso em uma escola existente naquele plano onde se achava recolhido, e o advertiu: "Jacob, procure ser menino outra vez. Não guarde idéias preconcebidas. Esqueça o homem de negócios que foi, olvide a sua posição de comandante com subordinados. De mente lavada e fresca, você aprenderá melhor o sentido real da vida. Saber recomeçar aqui é uma ciência agradável e ao mesmo tempo complexa". E foi assim que o amigo que na Terra se desincumbira com louvor de suas tarefas de propagação da Doutrina consoladora dos Espíritos, voltava ao mundo espiritual para agora iniciar o aprendizado de sua vivência.

3. Do livro "Temas da vida e da morte", de Manoel P. de Miranda:

3.1 - Quando do advento do Espiritismo, graças à Codificação Kardequiana, a mediunidade recebeu orientação condigna, tornando-se instrumento de significativa e nobre utilidade para o intercâmbio entre os homens e os Espíritos, comprovando a imortalidade da alma e abrindo espaços para o entendimento de inumeráveis acontecimentos que permaneciam envoltos pelo sobrenatural e pelo miraculoso. Todos os fenômenos de qualquer natureza estão no contexto das leis naturais, mesmo quando ignoradas as suas gêneses. O Espiritismo vem demonstrar pela mediunidade a existência do mundo parafísico, tão real ou mais do que o transitório mundo material, sendo este, em última análise, efeito daquele, que é o causal, o verdadeiro, portanto. Verificado que a sociedade além do túmulo é constituída por seres inteligentes que vivem as experiências evolutivas, reencarnando e desencarnando, até a perfeição relativa que a todos nos está destinada, o Espiritismo propicia, pelo intercâmbio mediúnico, a psicoterapia desalienante em favor dos enfermos espirituais que se demoram nos círculos mais grosseiros da Erraticidade, recebendo os Espíritos ajuda e orientação dos homens. Evidentemente,

antes dessa enfermagem espiritual direta, terapêuticas várias já eram utilizadas nas áreas de socorro da Espiritualidade, conforme ainda hoje acontece. (*Enfermagem espiritual libertadora*, pp. 116 e 117.)

3.2 - Vários benefícios defluem desse intercâmbio, no consolo e auxílio mediúnico aos desencarnados: a) proporciona aos membros do grupo socorrista lições proveitosas para eles mesmos; b) possibilita melhor compreensão da “lei de causa e efeito”, no fluxo-refluxo dos acontecimentos; c) faculta o exercício da fraternidade, aprendendo os encarnados a conviver com as dores de quem nem sempre é visto, a fim de mais facilmente auxiliar-se na diminuição dos sofrimentos de todos aqueles que os cercam e são vistos; d) porque o perispírito possui os mesmos órgãos que o corpo físico, quando ocorre o fenômeno da psicofonia, duas ocorrências se dão: 1ª. - durante o acoplamento perispiritual os desencarnados ajustam a sua organização à do médium e voltam ao contacto com aqueles que lhes não registravam a presença, não os ouviam, não os viam, podendo dar expansão aos sentimentos que os atormentavam, aliviando-se, e, com o atendimento esclarecedor que recebem, modifica-se-lhes o estado íntimo; 2ª. - no intercâmbio natural, ocorre um *choque* fluídico, pelo qual as forças anímicas do percipiente rompem-lhes a crosta ideoplástica que os envolve e lhes absorvem os vibrações mentais, qual esponja que se encharca, diminuindo-lhes, expressivamente, a psicofona, permitindo-lhes o diálogo no qual se dão conta da morte, *remorrendo*, para despertar posterior em condições lúcidas que propiciam aos Mentores conduzi-los a postos, hospitais de socorros ou escolas de aprendizagem, nos quais se capacitam para futuros cometimentos; e) tornam-se factíveis cirurgias perispirituais enquanto ocorre a psicofonia, ou os processos socorristas mais específicos que visam beneficiar os agrilhoados às reminiscências carnis, por eles vitalizadas com a mente viciada e com as quais constróem os infortúnios que os ferem; f) homens e Espíritos se exercitam na caridade anônima, já que não se dão conta daquele a quem ajudam ou de quem lhes chega o auxílio; g) porque - situados em faixas muito baixas do psiquismo - muitos Espíritos não conseguem sintonizar com os Benfeitores da Espiritualidade, só o diálogo com os encarnados os despertará para uma visão diferente da vida. (*Enfermagem espiritual libertadora*, pp. 117 e 118.)

3.3 - Há quem objete contra essa psicoterapia ou enfermagem espiritual aos desencarnados. Pessoas respeitáveis sugerem outros métodos de doutrinação em massa ou de técnicas mais sofisticadas, informando que os médiuns de psicofonia, pelos quais se apresentam os enfermos, sofrem muito. Pretendem poupá-los ao constrangimento e à ação fluídica desses comunicantes em desequilíbrio. A mediunidade é, no entanto, instrumento de serviço que, à luz da Doutrina Espírita, se transforma em mecanismo de promoção e dignificação moral-espiritual do próprio medianeiro. Quanto mais serve o médium educado nas lides espíritas, mais se aprimora e se felicita com amplas percepções. O intercâmbio com os Espíritos infelizes e perversos, nos serviços especializados, de forma alguma gera prejuízo para o indivíduo portador de mediunidade ou para as suas faculdades. Ao contrário, fá-lo granjear méritos e amigos que o aguardarão, reconhecidos, posteriormente, quando lhe ocorrer também a desencarnação. (*Enfermagem espiritual libertadora*, pp. 118 e 119.)

4. Do livro “Loucura e obsessão”, de Manoel P. de Miranda:

4.1 - O tratamento das alienações mentais, incluindo-se a obsessão, é muito desgastante e exige moralidade, paciência, fé e títulos de enobrecimento por parte daqueles que se lhe dedicam ao mister. O terapeuta comum, quando portador desses requisitos, exterioriza a *força curadora* que passa a envolver o paciente, dando-lhe ou aumentando-lhe as resistências. Ao mesmo tempo, uma conduta exemplar confere méritos àquele que a possui, atraindo a consideração e complacência dos Bons Espíritos que passam a auxiliá-lo, dele se utilizando na ação do Bem. No que tange ao labor terapêutico para as obsessões, tais requisitos são fundamentais, porquanto não os identificando naqueles que os aconselham, e lhes apontam o bom caminho, os Espíritos doentes rechaçam-lhes as palavras, ante a evidência de que elas são expressas sem conteúdo de verdade, pois que não são vividas. O doutrinador espírita deve, pois, verbalizar e viver o ensino, constituindo o exemplo que demonstra a qualidade do que apresenta, pelas realizações íntimas e externas que produz. Como efeito, o paciente sintoniza com os bons conselhos do seu doutrinador, nele encontrando apoio emocional, como determinados enfermos o encontram no seu médico, para vencer ou contornar as dificuldades do tratamento. (*Loucura e Obsessão*, cap. 17, pp. 213 e 214.)

4.2 - Dissertando ainda sobre os trabalhos de desobsessão, Miranda lembrou que o grupo mediúnico dedicado a esse mister possui graves responsabilidades, que não devem ser desconsideradas. Membro atuante da equipe, cada companheiro exerce um tipo de tarefa que se reflete no êxito do conjunto, conforme a conduta que mantenha.

4.3 - Não terminando o tratamento dos obsessores e dos obsessos quando são encerrados os processos da sessão mediúnica, na Casa Espírita, ei-lo que prossegue além das vibrações materiais com maior intensidade. Há quem estranhe tal providência, esquecendo que, antes da divulgação do Espiritismo, os socorros desobsessivos eram processados dentro desses padrões, o que, aliás, ainda é feito nos lugares onde a Doutrina Espírita não chegou ou a mediunidade esclarecida não é utilizada como deveria.

4.4 - Conjugando-se os esforços, em ambos os lados da vida, mais eficientes e rápidos são os resultados, ensinando às criaturas encarnadas o conhecimento da realidade, de ultratumba e a aquisição de valores pela ação da caridade desenvolvida. (*Loucura e Obsessão, cap. 17, pp. 215 a 217.*)

5. Do livro “Libertação”, de André Luiz:

5.1 - De volta ao quarto de Margarida, onde os dois hipnotizadores os aguardavam em função ativa, Gúbio pousou significativo olhar em Saldanha e pediu-lhe em tom discreto: “Meu amigo, chegou a minha vez de rogar. Relewa-me a identificação, talvez tardia aos teus olhos, com relação aos objetivos que nos prendem aqui”. E, com imensa comoção na voz, esclareceu: “Saldanha, esta senhora doente é filha de meu coração desde outras eras. Sinto por ela o enternecimento com que cuidaste, até agora, do teu Jorge, defendendo-o com as forças de que dispões. Eu sei que a luta te impôs acerbos espinhos ao coração, mas também guardo sentimentos de pai. Não te merecerei, porventura, simpatia e ajuda?” Verificou-se então uma cena que, minutos antes, pareceria inacreditável. Saldanha contemplou Gúbio com o olhar de um filho arrependido. Grossas lágrimas brotaram-lhe dos olhos antes frios e impassíveis. O diretor da falange parecia inabilitado a responder, diante da emotividade que o dominava. Gúbio, então, enlaçando-o fraternalmente, falou-lhe: “Passamos horas sublimes de trabalho, entendimento e perdão. Não desejarás desculpar os que te feriram, libertando, enfim, quem me é tão querida ao espírito? Chega sempre um instante no mundo em que nos entediamos dos próprios erros. Nossa alma se banha na fonte lustral do pranto renovador e esquecemos todo o mal a fim de valorizar todo o bem. Noutra tempo, persegui e humilhei, por minha vez. Não acreditava em boas obras que não nascessem de minhas mãos. Supunha-me dominador e invencível, quando não passava de infeliz e insensato. Considerava inimigos quantos me não compreendessem os caprichos perigosos e me não louvassem a insânia. Experimentava diabólico prazer, quando o adversário esmolasse piedade ao meu orgulho, e gostava de praticar a generosidade humilhante daquele que determina sem concorrentes”. O Instrutor informou, enfim, que a vida havia retalhado seu coração com o estilete dos minutos, transformando-o devagar, até que o déspota morresse dentro dele. “O título de irmão é, hoje, o único de que efetivamente me orgulho”, concluiu, antes de apelar outra vez para o concurso de Saldanha. (Cap. XIV, pp. 178 e 179)

5.2 - André Luiz e Elói tinham lágrimas ardentes diante daquela doutrinação emocionante e inesperada. Saldanha, por sua vez, enxugou os olhos e, fixando-os no interlocutor bondoso, disse-lhe, humilde: “Ninguém me falou ainda como tu... Tuas palavras são consagradas por uma força divina que eu não conheço, porque chegam aos meus ouvidos, quando já me encontro confundido pelos teus atos convincentes. Faze de mim o que desejares. Adotaste, nesta noite, por filhos de teu coração todos os parentes em cuja memória ainda vivo. Amparaste-me o filho demente, ajudaste-me a esposa alucinada, protegeste-me a nora infeliz, socorreste-me a neta indefesa e repreendeste os que me perturbavam sem motivo justo... Como não enlaçar, agora, as minhas mãos com as tuas na salvação da pobre mulher que amas por filha? Ainda que ela própria me houvesse apunhalado mil vezes, teu pedido, após o bem que me fizeste, redimi-la-ia ao meu olhar...” E, detendo a custo o pranto que lhe manava espontâneo, Saldanha colocou-se inteiramente à disposição de Gúbio, para servi-lo. Passou-se então à articulação do plano de ação. Daí a pouco Saldanha retornou ao aposento e dirigiu a palavra a um dos hipnotizadores em serviço: “Leôncio, nosso projeto mudou e conto com a tua colaboração”. “Que houve?”, indagou com curiosidade o interpelado. “Um grande acontecimento... Temos aqui um mago da luz divina”, disse-lhe Saldanha, que, em traços rápidos, narrou-lhe os acontecimentos daquela noite. Leôncio aquiesceu, de pronto, ao pedido do diretor da falange, advertindo, porém, quanto a Gaspar (o outro hipnotizador), que não se achava, segundo sua avaliação, em condições de aderir ao novo projeto. Saldanha pediu-lhe ficasse tranqüilo, porque tudo seria acertado. (Cap. XIV, pp. 179 a 181)

6. Do livro “Missionários da Luz”, de André Luiz:

6.1 - Ex-sacerdote católico, Marinho continuava prisioneiro das trevas, apesar dos esforços de sua mãe desencarnada, que apelou a Alexandre no sentido de levar o filho a uma nova experiência de doutrinação. Havia dez anos que a mãe procurava dissuadi-lo do mau caminho, influenciando-o de maneira indireta, sempre sem resultado. Agora, porém, Marinho parecia algo modificado, com novas disposições, entediado diante dos companheiros de crimes. Seria mais fácil, assim, ajudá-lo a trilhar o caminho da verdadeira elevação. “Por que a doutrinação em ambiente dos encarnados? Tal medida é uma imposição do trabalho desse teor?”- perguntou André Luiz. Alexandre explicou que esse recurso não é imprescindível, porquanto existem na esfera espiritual inúmeros agrupamentos dedicados exclusivamente a esse gênero de auxílio. Em determinados casos, porém, a cooperação do magnetismo humano pode influir mais intensamente, em benefício dos desencarnados que se encontrem cativos das zonas de sensação, na Crosta. Assim, quando é possível e útil, os Espíritos se valem do

concurso de médiuns e doutrinadores encarnados, não só para facilitar a solução desejada, mas também para proporcionar ensinamentos vivos aos companheiros envolvidos na carne, despertando-lhes o coração para a espiritualidade. Ajudando as entidades em desequilíbrio, ajudam a si mesmos; doutrinando, acabam igualmente doutrinados. (Cap. 17, pp. 278 a 280)

6.2 - Em breves minutos estavam todos no recinto da reunião. Muitos servidores desencarnados mantinham-se de mãos dadas, formando extensa corrente protetora da mesa consagrada aos serviços da noite. Sem isso, não seria possível conter as entidades perversas e recalcitrantes. Marinho foi localizado dentro do círculo magnético; ele quis recuar, mas não pôde. A fronteira vibratória impedia-lhe a fuga. Ele achou-se logrado. Necésio o acalmou, dizendo que ele teria grande alívio e explicou-lhe que fora sua mãe quem o enviara à sua procura. Marinho escondeu o rosto nas mãos e chorou angustiosamente. Enquanto isso, a médium Otávia recebia os mais vastos recursos magnéticos para a execução de sua tarefa. Provisoriamente desligada do veículo físico, a médium parecia algo confusa, em vista de encontrar-se envolvida em fluidos desequilibrados, não mostrando a mesma lucidez que André lhe observara noutra ocasião; no entanto, a assistência que recebia dos Espíritos era muito maior. Alexandre passou a inspirar diretamente o dirigente da reunião. Enquanto isso, várias entidades recolhiam as forças mentais - vigorosos recursos plásticos - emitidas pelos irmãos presentes, inclusive as que fluíam abundantemente da médium, material esse que os benfeitores espirituais usavam para tornar-se visíveis aos irmãos perturbados e aflitos, ou para materializar provisoriamente certas imagens ou quadros, indispensáveis ao reavivamento da emotividade e da confiança nas almas infelizes. A palestra entre o dirigente e o ex-sacerdote prosseguia. Marinho estava inicialmente muito desesperado e pronunciava palavras fortes que denunciavam sua rebeldia. O dirigente falava-lhe com serenidade cristã. A certa altura, Alexandre pediu a um coooperador que auxiliasse a mãe de Marinho a tornar-se visível. Alexandre aplicou passes magnéticos na região visual do ex-padre, enquanto a genitora resignava-se ao envolvimento em vibrações mais grosseiras, por alguns minutos, para que pudesse ser vista pelo filho. O dirigente, intuído por Alexandre, pediu então ao comunicante que olhasse em volta de si, e ele viu sua mãe, lançando um grito terrível... A mãe lhe falou com extremo carinho, abraçando-o, emocionada, e beijando-o, em lágrimas de reconhecimento e amor. Um copioso pranto os identificava agora. (Cap. 17, págs. 289 a 293)

6.3 - As palavras da mãe de Marinho foram tocantes: “Por que não render-se ao amor de nosso Pai, meu filho? Chega de vãs discussões e de contendas intelectuais! A porta de nossas ilusões terrenas cerrou-se com nossos olhos físicos... Não transfira para cá nossos velhos enganos! Atenda-me, não se revolte mais! Humilhe-se diante da verdade! Não me faça sofrer por mais tempo!..”. Depois, num ato de humildade, pediu-lhe perdão por havê-lo induzido a seguir a carreira sacerdotal. No final do breve diálogo, ele perguntou, confiante, se poderia acompanhá-la, e ela respondeu-lhe que, por enquanto, não. Era preciso equilibrar-se primeiro, mudar a condição vibratória, através da renovação íntima para o bem, e prometeu dar-lhe todos os recursos necessários a uma vida nova. Indicou-lhe então o amigo Necésio, que o trouxera à reunião. E Marinho era outra pessoa quando, após despedir-se da mãe, voltou a conversar com o dirigente da sessão. A presença materna produzira salutareos efeitos naquele coração exasperado e desiludido. O ex-padre não poderia ser arrebatado das sombras para a luz somente em virtude do amor da mãe, mas recebeu o auxílio fraterno dos Espíritos e poderia agora utilizar esses elementos novos para colocar-se no caminho da vida mais alta. Era-lhe preciso agora semear, para depois colher os resultados do próprio esforço. (Cap. 17, pp. 293 a 294)

6.4 - Foram quatro as entidades que receberam benefícios diretos de igual natureza, através de Otávia e outro médium, naquela reunião. Em todos os casos, o magnetismo foi largamente empregado pelos instrutores espirituais, salientando-se o de um pobre negociante que ignorava a própria morte: como ele insistia em negar a morte do corpo, um dos orientadores fê-lo ver, a distância, os despojos em decomposição. O infeliz, examinando o quadro, gritava lamentosamente, rendendo-se, por fim, à evidência dos fatos. Em todos os serviços, o material plástico recolhido das emanções dos encarnados satisfez plenamente. Servia para que os Espíritos se fizessem visíveis aos comunicantes e, ainda, na produção momentânea de quadros transitórios e idéias-formas. Um dos necessitados, que tomara o médium sob forte excitação, quis agredir os componentes do grupo. Então os técnicos espirituais compuseram uma forma sem vida própria, que trouxeram imediatamente, encostando-a no provável agressor. Era um esqueleto de terrível aspecto, que ele pôde ver de alto a baixo, passando a tremer, humilhado, e esquecendo a idéia de agressão. André, finda a reunião, reconhecia que os Espíritos podem trazer o mais belo e eficiente socorro aos elementos envolvidos nas sombras, mas que, de conformidade com a Eterna Lei, os necessitados só poderiam receber os divinos benefícios se estivessem dispostos a aderir, por si mesmos, aos trabalhos do bem. (Cap. 17, págs. 295 e 296)

6.5 - Alexandre esclareceu que o trabalho de iluminação espiritual, depois da morte, exige dos benfeitores espirituais muita atenção e carinho. É preciso saber semear na “terra abandonada” dos corações desiludidos, que se afastam da Crosta sob tempestades de ódio e angústia desconhecida. Não podemos criar sem amor, e somente quando nos preparamos devidamente edificaremos com êxito para a vida eterna. Uma das obsidiadas presentes tinha ao seu lado diversos perseguidores invisíveis, a impor-lhe terríveis perturbações, sobressaindo,

dentre estes, um obsessor infeliz, de maneiras cruéis, que se colara ao corpo da enferma encarnada, em toda a sua extensão, dominando-lhe todos os centros de energia orgânica. Era um caso de possessão completa. Tocado pela destra carinhosa do intérprete espiritual, o infortunado gritou que ninguém poderia deter o seu braço vingador. O benfeitor respondeu que não desejava forçá-lo, mas apenas dizer-lhe que, enquanto alimentasse propósitos de vingança, seria castigado por si mesmo. Ninguém o molestava, senão a própria consciência: as algemas que o prendiam à inquietude e à dor foram fabricadas por suas próprias mãos. O algoz revelou, então, que sua vítima atual fora uma proprietária de escravos, perversa para com todos, de modo que, além de seu esforço vingador, outros vibravam de ódio e não a deixariam descansar. Lembrou, ainda, que por simples capricho ela vendera sua esposa e seus filhos. Não era justo agora que sofresse? Será crível que Jesus, o Salvador, aplaudisse o cativo? O benfeitor redarguiu dizendo que Jesus não aprovaria a escravidão, mas ele recomendou-nos o perdão recíproco, sem o qual nunca nos desvencilharemos do cipoal de nossas faltas. E lhe perguntou: - “Qual de nós, antigos hóspedes da carne, conseguirá exibir um passado sem crimes?” Ademais, com a memória ainda desequilibrada e sem condições de conhecer as peripécias do passado, deveria esperar pela Justiça de Deus, porque ninguém pode julgar e executar alguém, com as próprias mãos, se ainda não pode avaliar a extensão dos próprios débitos. (Cap. 18, pp. 304 a 307)

6.6 - O diálogo continuou por mais algum tempo, até que o obsessor calou-se. O missionário pensou em dilatar as lembranças da entidade perturbadora, mas Alexandre, consultado a respeito, considerou inoportuna a medida, porquanto aquele Espírito não estava em condições de compreender e era, ainda, necessário que sofresse. A pobre mulher, além de cercada de entidades agressivas, tinha o corpo transformado em habitação do perseguidor mais cruel, que lhe ocupava o organismo desde o crânio até os pés, impondo-lhe tremendas reações em todos os centros de energia celular. Fios tenuíssimos, mas vigorosos, uniam-nos ambos. Curiosamente, enquanto o obsessor parecia bem lúcido, ela revelava angústia e inconsciência, gritando sem cessar: “Salvem-me do demônio! salvem-me do demônio! oh! meu Deus, quando terminará meu suplício?” O instrutor espiritual explicou então que a jovem senhora apresentava doloroso caso de possessão. Desde a infância, era perseguida pelos tenazes adversários de outro tempo. Na vida de solteira, porém, no ambiente de proteção dos pais, ela conseguira, de algum modo, subtrair-se à integral influência de inimigos persistentes, embora lhes sentisse a atuação de maneira menos perceptível. Com o casamento, ao receber maior quinhão de sacrifícios, não pôde mais resistir. Logo após o nascimento do primeiro filho, caiu em prostração mais intensa, oferecendo oportunidade aos desalmados perseguidores, e desde então experimentava penosas provas. (Cap. 18, pp. 307 a 309)

6.7 - Os trabalhos da reunião seguiam seu curso. emissões magnéticas dos que ali se reuniam eram aproveitadas pelos Espíritos para assistir não só os obsidiados, mas também os infelizes algozes. Somente uma pessoa, porém, dentre os obsidiados, conseguia aproveitar cem por cento o auxílio espiritual recebido. Era uma jovem que, envolvida na corrente das vibrações fraternas, recuperara a normalidade orgânica, embora em caráter temporário. A moça percebera a tempo que a medicação, qualquer que seja, não é tudo no problema da necessária restauração do equilíbrio físico e, por isso, desenvolvia toda a sua capacidade de resistência, colaborando com a equipe espiritual no interesse próprio. Ela emitia vigoroso fluxo de energias mentais, expelindo todas as idéias malsãs que os desventurados obsessores lhe haviam depositado na mente, absorvendo em seguida os pensamentos regeneradores e construtivos que a influência espiritual lhe oferecia. Alexandre aproveitou o exemplo para elucidar que somente o doente convertido voluntariamente em médico de si mesmo atinge a cura positiva. Se a vítima capitula sem condições, ante o adversário, entrega-se-lhe totalmente e torna-se possessa, após transformar-se em autômato à mercê do perseguidor. Se possui vontade frágil e indecisa, habitua-se com a persistente atuação dos verdugos e vicia-se no círculo de irregularidades de difícil corrigenda. Nestes casos, as atividades de assistência se circunscrevem a meros trabalhos de socorro, objetivando resultados longínquos. Quando o enfermo está interessado na própria cura, então podemos prever triunfos imediatos. (Cap. 18, pp. 309 e 310)

6.8 - O doutrinador encarnado era o centro dum quadro singular. Seu tórax convertera-se num foco irradiante, e cada palavra que lhe saía dos lábios assemelhava-se a um jato de luz alcançando diretamente o alvo, fosse ele os ouvidos perturbados dos enfermos ou o coração dos obsessores cruéis. Suas palavras eram, com efeito, de uma simplicidade encantadora, mas a substância sentimental de cada uma assombrava pela sublimidade, elevação e beleza. Alexandre explicou que ali era uma escola espiritual, onde, para ensinar com êxito, não basta conhecer as matérias e ministrá-las. É preciso, antes de tudo, senti-las e viver-lhes a substancialidade no coração. O homem que apregoa o bem deve praticá-lo, se não deseja que as suas palavras sejam carregadas pelo vento, como simples eco dum tambor vazio. O companheiro que ensina a virtude, vivendo-lhe as grandezas em si mesmo, tem o verbo carregado de magnetismo positivo, estabelecendo edificações espirituais nas almas que o ouvem. Sem essa característica, a doutrinação, quase sempre, é vã. Compreende-se então que o contágio pelo exemplo não constitui fenômeno puramente ideológico, mas é, sim, um fato científico nas suas manifestações magnético-mentais. Com o decorrer do trabalho, os obsidiados - exceção feita à irmã que se encontrava possessa - ficavam livres da influência direta dos obsessores, porém todos, menos a jovem que reagia valorosamente

ao tratamento, apresentavam singular inquietude, ansiosos de se reunirem de novo ao campo de atração dos algozes. Benfeitores espirituais haviam arrebatado os verdugos, expulsando-os temporariamente daqueles corpos enfermos e atormentados, mas os enfermos encarnados primavam pela ausência íntima, permanecendo a longa distância espiritual dos ensinamentos que o doutrinador terrestre ministrava, ao influxo dos mentores da reunião. (Cap. 18, pp. 310 a 312)

6.9 - No trato da obsessão, os encarnados observam somente uma face da questão: o afastamento do obsessor. Mas, como rebentar, de um instante para outro, algemas seculares, forjadas nos compromissos recíprocos da vida em comum? como separar seres que se agarram um ao outro, ansiosamente? Efetivamente, não faltam, embora raros, os casos de libertação quase instantânea. É que, nesses casos, pode ter chegado ao fim o laborioso processo redentor. De qualquer modo, o trabalho de assistência será sempre frutífero, e não podemos fugir ao nosso dever de assistência fraterna ao ignorante e sofredor, compreendendo, porém, que a construção do amor é também obra do tempo: nenhuma palavra, nenhum gesto ou pensamento, nos serviços do bem, permanece perdido. A tarefa é de sementeira, de cuidado, persistência e vigilância. Não se quebram grilhões de muitos séculos num instante, nem se edifica uma cidade num dia. É indispensável desgastar as algemas do mal, com perseverança, e praticar o bem, com ânimo evangélico. Ouvindo isto, André indagou se o desequilíbrio da mente poderia acarretar a enfermidade do físico. Alexandre disse que sim. As intoxicações da alma determinam as moléstias do corpo; o desequilíbrio da mente pode determinar a perturbação geral das células orgânicas. (Cap. 18, pp. 312 a 315)

6.10 - Tão logo se quebrou a corrente de vibrações benéficas, com o término da reunião, três dos cinco obsidiados voltaram a atrair intensamente os verdugos invisíveis, a cuja influência se haviam habituado, demonstrando escasso aproveitamento. Alexandre asseverou, contudo, que em todas as atividades de socorro espiritual há sempre imenso proveito, ainda mesmo quando a sua extensão não seja perceptível ao olhar comum. Quando o doente se dispõe a cooperar com os benfeitores espirituais, em benefício próprio, colaborando decididamente na restauração de suas atividades mentais, regenerando-se à luz da vida renovada no Cristo, pode esperar o restabelecimento da saúde relativa do corpo terrestre. Quando o indivíduo, porém, roga a assistência de Jesus com os lábios, sem abrir o coração à influência divina, não deve aguardar milagres da colaboração espiritual. Os benfeitores espirituais podem ajudar, socorrer, contribuir, esclarecer, mas não é possível improvisar recursos, cuja organização é trabalho exclusivo dos interessados. O problema da responsabilidade não se circunscreve a palavras; é questão vital no caminho da vida. Raros homens, entretanto, se dispõem a respeitar os desígnios da Religião, olvidando voluntariamente que as menores quedas e mínimas viciações ficam impressas na alma, exigindo retificação. No trabalho em favor deles, não podemos exonerá-los das obrigações contraídas. O bom trabalhador é o que ajuda, sem fugir ao equilíbrio necessário, construindo todo o trabalho benéfico que esteja ao seu alcance, consciente de que o seu esforço traduz a Vontade Divina. (Cap. 18, pp. 315 e 316)

7. Do livro “Nos Domínios da Mediunidade”, de André Luiz:

7.1 - Sob a influência de irmão Clementino, Raul Silva levantou-se e dirigiu-se ao Espírito, com bondade: “Meu amigo, tenhamos calma e roguemos o amparo divino!” Iniciou-se então um diálogo em que o doutrinador o chamou de irmão, acentuando que todos somos filhos de Nosso Pai Celestial que é sempre pródigo de amor. A entidade conturbada ironizou as palavras iniciais do dirigente: “Deve ser algum sacerdote fanatizado para conversar nestes termos!...” Mas Raul sensibilizava a todos com sua paciência, pois recebia Libório (*o nome do comunicante*) com sincera compaixão e inequívoco interesse paternal, acolhendo-o sem estranheza ou irritação, como se o fizesse a um familiar que regressasse demente ao santuário doméstico. “Não sou um ministro religioso - disse Raul, imperturbável -, mas desejo me aceite como seu amigo.” A entidade, em resposta, disse não ter amigos, apenas Sara; depois, perguntou que faziam ali os cavalheiros silenciosos e as mulheres mudas (*referindo-se à equipe mediúnica*). Raul Silva informou-lhe que todos oravam por ele, acrescentando que se encontravam numa instituição de serviço fraterno, onde o dever é, antes de tudo, prestar socorro às feridas que sangram. (Cap. 7, págs. 61 a 63)

7.2 - Ante o argumento do doutrinador, o renitente sofredor pareceu apaziguar-se ainda mais. Jactos de energia mental, partidos de Raul, alcançavam-no então em cheio no tórax, como a lhe buscar o coração. Libório tentou falar, mas, à maneira de um viajante que já não pode resistir à aridez do deserto, comoveu-se diante da ternura daquele inesperado acolhimento, a surgir-lhe por abençoada fonte de água fresca. Notou, então, surpreendido, que a palavra lhe falecia embargada na garganta. Sob o sábio comando de Clementino, Raul falou com afetividade ardente: “Libório, meu irmão!” Essas três palavras foram ditas com tamanha inflexão de generosidade fraternal que o Espírito não pôde sopitar o pranto. Raul aproximou-se dele, impondo-lhe as mãos, das quais jorrava luminoso fluxo magnético, e convidou: “Vamos orar!” Findo um minuto de silêncio, necessário a uma perfeita concentração mental, a voz do diretor da casa, sob a inspiração de Clementino, suplicou o socorro do Divino Mestre. Na oração comovente, Raul, entre outras palavras, disse: “Mestre, dá-nos a alegria de recebê-

lo de braços abertos. Sela-nos os lábios para que lhe não perguntemos de onde vem e descerra-nos a alma para a ventura de tê-lo conosco em paz. Inspira-nos a palavra a fim de que a imprudência não se imiscua em nossa língua, aprofundando as chagas interiores do irmão, e ajuda-nos a sustentar o respeito que lhe devemos... Senhor, estamos certos de que o acaso não te preside às determinações!" Libório chorava. Via-se, porém, com clareza, que não eram as palavras a força que o convencia, mas sim o sentimento irradiante com que eram estruturadas. Raul Silva, sob a destra radiosa de Clementino, afigurava-se-nos aureolado de intensa luz. "O Deus, que se passa comigo?!", conseguiu gritar Libório, em lágrimas. (Cap. 7, págs. 63 e 64)

7.3 - O irmão Clementino fez breve sinal a um de seus auxiliares, que acorreu, rapidamente, trazendo interessante peça que parecia uma tela de gaze tenuíssima, com dispositivos especiais, medindo por inteiro um metro quadrado, aproximadamente. O mentor da reunião manobrou pequena chave num dos ângulos do aparelho e o tecido suave se cobriu de leve massa fluídica, branquicenta e vibrátil. Em seguida, postou-se novamente ao lado de Raul Silva, que, controlado por ele, disse ao comunicante: "Lembre-se, meu amigo, lembre-se! Faça um apelo à memória! Veja à frente os quadros que se desenrolarão aos nossos olhos!..." De imediato, Libório fixou a tela, que passou a exibir variadas cenas de que ele mesmo era o principal protagonista. Recebendo-as mentalmente, Raul Silva passou a descrevê-las. A cena mostrava a mãe de Libório (o comunicante), já velhinha e enferma, a pedir ao filho que ficasse com ela, porque tinha medo e sentia-se morrer. Era sábado de carnaval. Libório diz-lhe que sairá por alguns minutos apenas, o tempo bastante para trazer-lhe a medicação... Em seguida, apropria-se do único dinheiro de que a enferma dispõe e parte para o clube. Amigos espirituais da casa pedem-lhe que fique, mas em vão... Imantando-se aos indesejáveis companheiros desencarnados com os quais se afinava, por três dias e quatro noites, Libório entrega-se à loucura, esquecendo todas as obrigações. Quando volta ao lar, na quarta-feira, a velhinha, socorrida por braços anônimos, não o reconhece mais... E aguarda resignadamente a morte, enquanto o rapaz dirige-se ao banheiro, para refazer-se. Abre o gás e senta-se por alguns minutos, experimentando a cabeça entontecida... O corpo exige descanso, depois da louca folia; a fadiga surge, insopitável... Libório dorme semi-embriagado e perde a existência, porque as emanções tóxicas lhe cadaverizam o corpo... Naquela manhã clara de sol, um rabeção leva-o ao necrotério, como simples suicida... (Cap. 7, págs. 64 a 66)

7.4 - Ante uma irmã enferma, necessitada do maior carinho para se recuperar, Áulus explicou: "Para sanar-lhe a inquietação (...) não nos bastam diagnósticos complicados ou meras definições técnicas no campo verbalista, se não houver o calor da assistência amiga". Tratava-se de um caso de animismo. A pobre irmã deveria, porém, ser atendida com a mesma atenção que ministramos aos sofredores que se comunicam, pois era também um Espírito imortal, solicitando-nos concurso e entendimento para que se lhe restabelecesse a harmonia. "Um doutrinador sem tato fraterno - asseverou Áulus - apenas lhe agravaria o problema, porque, a pretexto de servir à verdade, talvez lhe impusesse corretivo inoportuno ao invés de socorro providencial. Primeiro, é preciso remover o mal, para depois fortificar a vítima na sua própria defesa." Aquela irmã podia ser considerada médium? "Como não? Um vaso defeituoso - elucidou o instrutor - pode ser consertado e restituído ao serviço. Naturalmente, agora a paciência e a caridade necessitam agir para salvá-la. Nossa irmã deve ser ouvida na posição em que se revela, como sendo em tudo a desventurada mulher de outro tempo, e recebida por nós nessa base, para que use o remédio moral que lhe estendemos, desligando-se enfim do passado..." "A personalidade antiga não foi tão eclipsada pela matéria densa como seria de desejar." Em seguida, disse que aquele caso era mais comum do que se pensa: "Quantos mendigos arrastam na Terra o esburacado manto da fidalguia efêmera que envergaram outrora! quantos escravos da necessidade e da dor trazem consigo a vaidade e o orgulho dos poderosos senhores que já foram em outras épocas! quantas almas conduzidas à ligação consanguínea caminham do berço ao túmulo, transportando quistos invisíveis de aversão e ódio aos próprios parentes, que lhes foram duros adversários em existências progressas!..." E advertiu: "Todos podemos cair em semelhantes estados se não aprendemos a cultivar o esquecimento do mal, em marcha incessante com o bem..." (Cap. 22, págs. 213 e 214)

7.5 - Naquela altura, Raul Silva, que continuara a tarefa de doutrinação junto à manifestante, convidou a doente ao benefício da prece. Competia a ela suplicar ao Céu a graça do esquecimento; cabia-lhe expungir o passado da imaginação, de maneira a pacificar-se... E, singularmente comovido, Raul recomendou-lhe repetir em companhia dele as frases sublimes da oração dominical. A senhora acompanhou-o docilmente e, finda a súplica, mostrou-se mais tranqüila. Traduzindo a colaboração do mentor espiritual que o inspirava, Raul rogou-lhe, por fim, considerar, acima de tudo, o impositivo do perdão aos inimigos para a reconquista da paz, após o que, em lágrimas, a enferma desligou-se das impressões que a retinham no pretérito, tornando à posição normal. O Assistente comentou, então, enquanto Raul aplicava na irmã passes de reconforto: "Outra não pode ser, por enquanto, a intervenção assistencial em seu benefício. Pela enfermagem espiritual bem conduzida, reajustar-se-á pouco a pouco, retomando o império sobre si mesma e capacitando-se para o desempenho de valiosas tarefas mediúnicas mais tarde". (Cap. 22, págs. 214 e 215)

8. Do livro "No Mundo Maior", de André Luiz:

8.1 - Os dois enfermos tinham a mente fixada na região dos instintos primários. O encarnado, depois de reiteradas vibrações no campo de pensamento, em fuga da recordação e do remorso, arruinara os centros motores, desorganizando também o sistema endócrino e perturbando os órgãos vitais. O desencarnado converteu todas as energias em alimento da idéia de vingança, acolhendo-se ao ódio em que se mantinha foragido da razão e do altruísmo. "Outra seria a situação de ambos - asseverou o Instrutor - se houvessem esquecido a queda, reerguendo-se pelo trabalho construtivo e pelo entendimento fraternal, no santuário do perdão legítimo". Jesus tinha, pois, razão ao recomendar-nos o amor aos inimigos e a oração pelos que nos perseguem e caluniam. Isto não é mera virtude, mas princípio científico de libertação do ser, de progresso da alma, de amplitude espiritual: no pensamento residem as causas. Enquanto Calderaro falava, prosseguia a ação magnética em favor do enfermo, que acabou se entregando a sono tranqüilo, como se sorvera suavíssimo anestésico. Em breve, sua alma se desprendeu, afastando-se do corpo físico, mas era visível seu pavor diante do verdugo implacável, que se mantinha sentado, impassível, num dos ângulos do leito. (Cap. 4, pp. 63 e 64)

8.2 - As entidades enfermas não notavam a presença de André e Calderaro e parecia que o perseguidor se erguia mais agressivo, para agredir o doente aflito. Por que Calderaro não aproveitava a situação para doutrinar a ambos? Sua resposta foi imediata: "Falaríamos em vão, André, porque ainda não sabemos amá-los como se fossem nossos irmãos ou nossos filhos. Para nós ambos, espíritos de raciocínio algo avançado, mas de sentimentos menos sublimes, são eles dois infortunados, e nada mais". O Instrutor explicou-lhe então que não é possível doutrinação sem amor, porquanto, se o conhecimento auxilia por fora, só o amor socorre por dentro. "Com a nossa cultura retificamos os efeitos, quanto possível, e só os que amam conseguem atingir as causas profundas", esclareceu. De fato, os contendores reclamavam intervenção no íntimo, para modificar atitudes mentais em definitivo... Mas eles, André e o Instrutor, apenas conheciam, sem saber amar... Foi então que assomou à porta de entrada uma sublime mulher, em cujos olhos esplendia brilho meigo e enternecedor. Era Cipriana, a entidade que vinha oferecer aos dois enfermos da alma o amor fraternal que Calderaro e André Luiz ainda não podiam oferecer. (Cap. 4, pp. 64 e 65)

8.3 - Cipriana agradeceu a Calderaro o socorro prestado aos dois infelizes. O Assistente disse que seu esforço foi quase nenhum, resumindo-se em meros preparativos. Cipriana, sorrindo, observou: "Como atingiremos o fim sem passar pelo princípio?" Calderaro acentuou, porém, que o conhecimento pode pouquíssimo, comparado com o muito que o amor pode sempre. A amiga, sem perda de tempo, acercou-se dos infelizes e pôs-se em atitude de oração. A prece saturava-se de sublime poder, porquanto em breve suave luz descia do alto sobre sua fronte venerável. Cipriana tornava-se gradativamente mais bela. Os raios divinos a fluírem dos mananciais invisíveis, envolvendo-a, transfiguravam-na toda. Escoados alguns momentos, circundava-a refulgente halo. Dos olhos, do tórax e das mãos efluíam irradiações de frouxa e suave luz... Estava formosa, radiante, qual se fora a materialização da Madona de Murilo, em milagrosa aparição. Cipriana estendeu as mãos para os dois desventurados, atingindo-os com o seu amoroso magnetismo, que lhes modificava o campo vibratório. Ambos sentiram-se desfalecer, oprimidos por uma força que os compelia à quietação. Entreolharam-se com espanto. Seus olhos espelhavam silenciosa perquirição, quando a mensageira, avizinhandose, tocou-os de leve na região visual, produzindo neles abalo forte e indifarável. Os enfermos passaram então a ver os benfeitores espirituais presentes, com indescritível assombro, e, gritando violentamente, empolgados pela surpresa, cuidaram estivessem sendo visitados pela excelsa Mãe de Jesus. (Cap. 5, pp. 66 a 68)

8.4 - O doente encarnado, parcialmente liberto do corpo, ajoelhou-se de súbito, dominado por incoercível comoção, e desfez-se em copioso pranto. O verdugo desencarnado, porém, embora perplexo e abalado, manteve-se ereto. O primeiro, chorando convulsivamente, perguntava a Cipriana: "Mãe dos Céus! como vos dignais de visitar o criminoso, que sou eu? Sinto vergonha de mim mesmo, sou imperdoável pecador, abatido pela minha própria miséria... Vossa luz revela-me toda a extensão das trevas em que me debato! condoei-vos de mim, Senhora!..." Havia uma sinceridade imensa naquelas palavras de angústia e arrependimento. Cipriana acercou-se dele, de olhos faiscantes e úmidos. Tentou soerguê-lo, sem, no entanto, lograr que ele deixasse a postura genuflexa. Contudo, enlaçando-o maternalmente, chamou-o pelo nome e lhe disse que não era quem ele julgava. Era tão-somente uma irmã na eternidade que, tendo sido mãe na Terra, sabia o quanto ele sofria. Pedro (o doente encarnado) manteve-se em posição reverente e humilde e confessou seu crime. Cipriana afagou-lhe o rosto e acrescentou saber de tudo. Passados alguns instantes, contemplando a ambos os infelizes, dirigiu-se a Pedro, de maneira intencional, de modo a se fazer ouvida pelo companheiro vingador: "Por que destruíste, Pedro, a vida de teu irmão? como te julgaste com forças e direito para quebrar a harmonia divina?" E prosseguiu: "Supunhas fazer justiça pelas próprias mãos, quando só fazias expandir a cólera aniquiladora. Por que razão, meu filho, pretendeste equilibrar a vida, provocando a morte? como conciliar a justiça com o crime, quando sabemos que o verdadeiro justo é aquele que trabalha e espera no Pai, o Supremo Doador da Vida?" (Cap. 5, pp. 68 e 69)

8.5 - Cipriana lembrou ao enfermo os momentos de desdita que ele vivera desde o crime, aprendendo que o mal jamais se coadunará com o bem e que a Lei cobra dobrados tributos àquele que se antepõe aos seus

ditames sábios e soberanos. Ele destruíra a paz de um companheiro e perdera a própria tranquilidade. Temendo a si mesmo, por se sentir um delinqüente em toda a parte, buscara refúgio no trabalho atabalhado e mecanizante; conseguira dinheiro que nunca lhe pacificara o ser; alcançara posição social culminante, mas nada disso resolveu os efeitos do ato impensado... Como não lhe ocorrera a oração santificante? como não buscara penitenciar-se diante da vida, humilhando-se aos pés da sua vítima, no sincero propósito de regeneração? Mas não: ele preferira a corrida louca atrás das sensações externas, a fuga para a região do ganho material, a transitória ascensão para posições de domínio enganoso, pensando assim escapar ao tribunal íntimo. Nunca é tarde, porém, para levantar o coração e curar a consciência ferida. Exausto de sofrer, cedera à enfermidade e aproximara-se da loucura. De alma contundida e corpo em desordem, apelara para a Misericórdia Divina, e ela ali estava, não para fustigar-lhe o espírito, mas para estimulá-lo à regeneração. Quem poderá condenar alguém, depois da comunhão de vicissitudes na carne? quem estará suficientemente santificado para atirar a primeira pedra? Cipriana lembrou-lhe então que o fundamento da obra divina é de amor incomensurável e que só o amor salva e constrói para sempre. “Lembra-te das tuas próprias necessidades, interrompe a marcha da aflição, reconsidera a atitude e faz novo compromisso perante a Divina Justiça”, propôs-lhe a missionária. Assim dizendo, conchegou-o ao coração, e havia tanta meiguice naquele amplexo, que outros pensariam estar presenciando o reencontro de carinhosa mãe com o filho ausente, após longa separação. (Cap. 5, pp. 70 e 71)

8.6 - O enfermo hospitalizado estava aliviado. Nunca ninguém lhe falara assim, disse ele a Cipriana. André e Calderaro também se comoveram até às lágrimas com a cena. “Praza a Deus, André, possamos também aprender a amar, adquirindo o poder de transformar os corações”, falou-lhe o Assistente. Cipriana agora, sustentando Pedro nos braços, dirigia-se ao verdugo desencarnado, que permanecera aparentemente insensível às palavras que tanta comoção produziram nos circunstantes. A missionária, sem intimidar-se, aproximou-se, tocando-o quase, e falou-lhe humilde: “Que fazes tu, Camilo, cerrado à comiserção?” O algoz, com frieza, retorquiu: “Que pode fazer uma vítima como eu, senão odiar sem piedade?” Cipriana, sem se alterar, replicou: “Odiar? Sabes a significação de tal atitude? As vítimas inacessíveis ao perdão e ao entendimento soem ultrapassar a dureza e a maldade dos precitos, provocando horror e compaixão. Quantos se valem desse título, para pôr de manifesto as monstruosidades que lhes povoam o ser! quantos se aproveitam da hora de irreflexão de um amigo ignorante ou infeliz, para encetar séculos de perseguição no inferno da ira! A condição de vítima não te confere santidade; vales-te dela para semear, na própria senda, ruína e miséria, treva e destroços”. A missionária do bem prosseguiu falando a Camilo, lembrando-lhe que ele, embora aparentasse ser um homem prudente, não encontrara no espírito mínima réstia de piedade fraternal para desculpar o homicida. Há vinte anos instilava em torno de si mesmo a peçonha da víbora, como famulento chacal. Podendo conquistar a láurea dos vencedores com o Cristo, preferira o punhal da vingança, ombreando-se com os malfeitores endurecidos... “Onde esbarrarás, meu filho, com teus sentimentos desprezíveis? em que muralha de angústias serás algemado pela Justiça de Deus?”, indagou-lhe Cipriana. (Cap. 5, pp. 72 e 73)

8.7 - Ante as palavras de Cipriana, Camilo vacilava entre a inflexibilidade e a capitulação. Extrema palidez cobria-lhe o rosto e, quando parecia que ia proferir uma resposta a esmo, Cipriana pediu a Calderaro ajudá-la a conduzi-los até ao lar de Pedro, onde Camilo atenderia aos seus rogos. A missionária transportou Pedro com os próprios recursos, mas Camilo, terrivelmente escravizado aos pensamentos inferiores e às intenções criminosas, estava muito pesado, e foi assim conduzido por André e Calderaro. O paciente não reagiu; todos puseram-se em viagem e em breves minutos penetravam confortável residência, onde uma senhora, na sala de estar, tricotava, junto de dois filhos pequeninos. A conversação doméstica era doce, cristalina. O filho menor disse que queria orar por seu pai. “A senhora reparou, ontem à noite, como estava aflito e abatido?”, indagou-lhe o menino. A cena era comovente. A mãe logo abandonou o tricô, para ir chorar num quarto, a distância. Cipriana aproveitou o ensejo e se dirigiu a Camilo, desapontado, dizendo-lhe: “Efetivamente, nosso amigo subtraiu-te a vida física, noutra tempo, contraindo assim dolorosa dívida; entretanto, a voz deste menino devotado à prece não te sensibiliza o espírito endurecido?” E explicou-lhe que aquele era o lar que o Pedro criminoso instituiu para criar o Pedro renovado... Se cometeu falta grave, estava fazendo agora o possível para erguer-se, numa vida nobre e útil. Amparou devotada mulher, deu refúgio a cinco filhinhos, cresceu no conceito dos amigos, galgou posição de abastança material, mas sabia também agora, por experiência própria, que o dinheiro não soluciona problemas fundamentais do destino e que o elevado conceito que possamos conseguir dos outros nem sempre corresponde à realidade. Não obstante todas as vantagens conquistadas no âmbito material, ele vivia enfermo, infortunado, aflito... (Cap. 5, pp. 73 a 75)

9. De “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec:

9.1 - Os Espíritos, em geral, admitem três categorias principais, ou três grandes divisões. Na última, a que fica na parte inferior da escala, estão os Espíritos imperfeitos, caracterizados pela predominância da matéria sobre o Espírito e pela propensão para o mal. Os da segunda categoria se caracterizam pela predominância do

Espírito sobre a matéria e pelo desejo do bem: são os bons Espíritos. A primeira categoria compreende os Espíritos puros, os que atingiram o grau supremo da perfeição. (L.E., item 100.)

9.2 - A terceira ordem – Espíritos imperfeitos – compõe-se de cinco classes principais:

10^a. classe - Espíritos impuros

9^a. classe - Espíritos levianos

8^a. classe - Espíritos pseudo-sábios

7^a. classe - Espíritos neutros

6^a. classe - Espíritos batedores e perturbadores. (L.E., itens 101 a 106.)

9.3 - A segunda ordem – bons Espíritos – compõe-se de quatro classes principais:

5^a. classe - Espíritos benévolos

4^a. classe - Espíritos sábios

3^a. classe - Espíritos prudentes ou de sabedoria

2^a. classe - Espíritos superiores. (L.E., itens 107 a 111.)

9.4 - A primeira ordem – Espíritos puros – é constituída de uma única classe:

1^a. classe - Espíritos puros. (L.E., itens 112 e 113.)

9.5 - Ensina o Espiritismo que, criados simples e ignorantes, isto é, sem conhecimento e sem experiência, são os próprios Espíritos que se melhoram e, melhorando-se, passam de uma ordem inferior para outra, mais elevada. (L.E., itens 114 e 115.)

9.6 - Depende, pois, somente deles progredir mais ou menos rapidamente para a perfeição, conforme o desejo que têm de alcançá-la e a submissão que testemunham à vontade de Deus. (L.E., item 117.)

9.7 - Todos os Espíritos, sem nenhuma exceção, tornar-se-ão perfeitos. Muitos, é certo, mudam de ordem demoradamente, mas Deus não abandona a ninguém, o que confirma a veracidade de uma conhecida promessa atribuída a Jesus: “Das ovelhas que meu Pai me confiou, nenhuma se perderá”. Em sua caminhada evolutiva, não existe retrocesso; nenhum Espírito pode degenerar. Concluindo uma prova, ele fica com a ciência que daí lhe veio e não a esquece jamais. Pode permanecer estacionário, mas não retrograda. (L.E., itens 116 e 118.)

NOTAS:

1. “Obsessão, o Passe, a Doutrinação”, págs. 65 e 66.
2. “Trabalhos Práticos de Espiritismo”, págs. 59 e seguintes.
3. “Desobsessão”, cap. 13.
4. “Obsessão, o Passe, a Doutrinação”, págs. 66 e 67.
5. “Desobsessão”, cap. 64.
6. “Obsessão, o Passe, a Doutrinação”, pág. 71.
7. “Desobsessão”, cap. 24.
8. “Desobsessão”, cap. 32, 33, 34, 36 e 37.
9. “Obsessão, o Passe, a Doutrinação”, págs. 85 e 86.
10. “Diálogo com as sombras”, págs. 68 e 69.
11. “Diretrizes de Segurança”, questão n° 62.
12. “Diretrizes de Segurança”, questão n° 63.
13. “Doutrinação”, pág. 45.
14. “Caminho, Verdade e Vida”, cap. 145.
15. “Trabalhos Práticos de Espiritismo”, págs. 139 e seguintes.
16. “Dirigentes e Sessões e Práticas Espíritas”, cap. XIX.
17. “Doutrinação”, págs. 22 e 159.
18. “Doutrinação”, cap. 27.
19. “Obsessão, o Passe, a Doutrinação”, pág. 77.
20. “Obsessão, o Passe, a Doutrinação”, pág. 72.
21. “Obsessão/Desobsessão”, 3^a. parte, cap. 12.
22. “Trabalhos Práticos de Espiritismo”, págs. 65 e seguintes.

DOCTRINAÇÃO DE ESPÍRITOS

Caso prático I

Com a orientação recomendada

Espírito – Ai! Estou sofrendo muito... Ninguém me atende... Ninguém me ajuda...

Doutrinador – (mantém silêncio)

Espírito – Ai! Alguém, por favor, me ajude. Já estou cansada de rogar...

Doutrinador – Cansada? Você disse “cansada”?

Espírito – Sim. Quem me fala?

Doutrinador – Um amigo, alguém que deseja ajudá-la. Que sente, irmã?

Espírito – Tenho muitas dores. Mas o pior é a solidão em que me encontro... Não vejo ninguém. Onde está meu marido?

Doutrinador – Você se esqueceu, irmã? Alguém a trouxe aqui, para o nosso hospital. Certamente você dormia quando isso se deu...

Espírito – Minhas costas doem muito...

Doutrinador – Não perca a esperança, irmã. Confie em Deus e verá que o tratamento que lhe tem sido dado surtirá efeito. Vamos orar?

Espírito – Ah! tenho rezado tanto! A prece me ajudará em alguma coisa?

Doutrinador – Sim, não tenha dúvida quanto a isso. Em nosso hospital a prece é parte essencial no tratamento.

Espírito – Se é assim, tudo bem. Vamos orar...

Doutrinador – Pense em Jesus com todas as forças que você puder reunir. Eu farei a oração em voz alta e você repetirá minhas palavras. Está bem?

Espírito – Sim. Quando quiser, pode começar.

Doutrinador - (faz uma prece curta, mas pausada, dirigida a Jesus)

Notas:

1. A prece deve ser feita pausadamente, de modo a permitir que o Espírito repita cada frase.
2. O passista previamente indicado para atender ao caso aproveita o momento para ministrar o passe.

3. Durante a prece, a equipe vibra pela entidade, reforçando mentalmente o pedido contido na oração.

Finda a prece, recomeça o diálogo:

Espírito – Ah! Graças a Deus, me sinto bem melhor.

Doutrinador – Além de sentir-se melhor, você consegue ver quem está ao seu lado?

Espírito – Não vejo ninguém... Mas... espere, não pode ser...

Doutrinador – O que não pode ser, minha irmã?

Espírito – Minha mãe está aqui... Mamãe, mamãe! que alegria vê-la...

Doutrinador – (mantém silêncio)

Espírito – Sim, mamãe. Compreendo agora... Como fui tola!

Doutrinador – O que sua mãe lhe disse, irmã?

Espírito – Ela me explicou o que ocorreu comigo. Agora entendo a solidão que sentia e a ausência do Armando e dos meus filhos ao meu lado...

Doutrinador – Explique-se melhor, minha irmã. Se a sua mãe se encontra na vida espiritual, como você pode vê-la?

Espírito – É que eu também morri, do mesmo modo que ela havia morrido, mas a morte, vejo agora, não muda as pessoas... A vida prossegue, tal como nos ensinava nosso grande amigo padre Vítor.

Doutrinador – Você quer descansar, minha irmã, agora que sua mãe pode ampará-la?

Espírito – Sim, eu me sinto um pouco cansada e gostaria de dormir...

Doutrinador – Então vá, minha irmã, procure descansar e que Jesus a abençoe hoje e sempre.

Nota – O Espírito se retira, depois de agradecer a ajuda recebida do grupo que agora ele podia ver.

DOCTRINAÇÃO DE ESPÍRITOS

Caso prático II

Doutrinação com alguns inconvenientes evitáveis

Espírito – Ai! Estou sofrendo muito... Ninguém me atende... Ninguém me ajuda...

Doutrinador – É um homem ou uma mulher que fala?

Espírito – Ai! Alguém, por favor, me ajude. Já estou cansada de rogar...

Doutrinador – Cansada? Você disse “cansada”?

Espírito – Sim. Quem me fala?

Doutrinador – Um amigo, alguém que deseja ajudá-la. Você sente dores, irmã?

Espírito – Tenho muitas dores. Mas o pior é a solidão em que me encontro... Não vejo ninguém. Onde está meu marido?

Doutrinador – Você se esqueceu, irmã? A morte a levou deste mundo. Entende o que lhe digo: Você morreu, desencarnou, já se encontra no mundo espiritual...

Espírito – Minhas costas doem muito...

Doutrinador – Não tenha medo, irmã. A morte não é essa coisa assustadora que todos temem... Vamos orar?

Espírito – Ah! tenho rezado tanto! A prece me ajudará em alguma coisa?

Doutrinador – Sim, não tenha dúvida quanto a isso. A prece é um grande remédio para todas as dores. Aliás, havendo morrido você não deveria estar sentindo dores...

Espírito – Tudo bem. Vamos orar...

Doutrinador – Pense em Jesus com todas as forças que você puder reunir. Eu farei a oração em voz alta e você repetirá minhas palavras. Está bem?

Espírito – Sim. Quando quiser, pode começar.

Doutrinador - (faz uma prece curta, mas pausada, dirigida a Jesus)

Notas:

1. A prece deve ser feita pausadamente, de modo a permitir que o Espírito repita cada frase.

2. O passista previamente indicado para atender ao caso aproveita o momento para ministrar o passe.

3. Durante a prece, a equipe vibra pela entidade, reforçando mentalmente o pedido contido na oração.

Finda a prece, recomeça o diálogo:

Espírito – Ah! Graças a Deus, me sinto bem melhor.

Doutrinador – Além de sentir-se melhor, você consegue ver quem está ao seu lado?

Espírito – Não vejo ninguém... Mas espere, não pode ser...

Doutrinador – O que não pode ser, minha irmã?

Espírito – Minha mãe está aqui... Mamãe, mamãe! que alegria vê-la...

Doutrinador – Não lhe disse? Sua mãe morreu e você pode vê-la, porque você também é agora um Espírito e vivem ambas no mesmo meio, no chamado plano espiritual.

Espírito – Sim, mamãe. Compreendo agora... Como fui tola!

Doutrinador – O que sua mãe lhe disse, irmã?

Espírito – Ela me explicou o que ocorreu comigo. Agora entendo a solidão que sentia e a ausência do Armando e dos meus filhos ao meu lado...

Doutrinador – É verdade, irmã. A morte não existe realmente, e as pessoas não deveriam temê-la.

Espírito – Sim, a morte não muda as pessoas... A vida prossegue, tal como nos ensinava nosso grande amigo padre Vítor.

Doutrinador – Você quer descansar, minha irmã, agora que sua mãe pode ampará-la?

Espírito – Sim, eu me sinto um pouco cansada e gostaria de dormir...

Doutrinador – Então vá, minha irmã, descanse e que Jesus a abençoe hoje e sempre.

Nota – O Espírito se retira, agradecendo a ajuda recebida do grupo que agora ele podia ver.

DOCTRINAÇÃO DE ESPÍRITOS

Caso prático III

Com o recurso da regressão de memória

Espírito – Me solte daqui! Eu estou preso com as cordas. Por que me fizeram isso? Vocês são uns covardes!!! Que ódio, que ódio, que ódio!...

Doutrinador – (mantém silêncio)

Espírito – Experimente soltar, que eu faço o maior estrago. Viro a mesa e bato em todos vocês! Vão pagar muito caro pelo que me fizeram, vocês vão ver!

Doutrinador – (mantém silêncio)

Espírito – Trinta anos de trabalho... Foi tudo por água abaixo. Não é possível... Ele estava prontinho, prontinho para suicidar e vocês estragaram tudo com essa história de Culto no Lar...

Doutrinador – Seja bem-vindo a esta Casa, meu irmão...

Espírito – Não quero conversa com você. Me solte a corda. Quero voltar para lá... Ele tem que morrer. Desta vez, ele não me escapa. Ele vai morrer...

Doutrinador – Calma, meu irmão. Pelo que vejo, ele o prejudicou muito...

Espírito – Justiça! quero justiça. O que estou fazendo está muito longe do que ele me fez. Por isso, ele tem que sofrer... sofrer... até morrer.

Doutrinador – Meu irmão, você tem razão de estar magoado, mas entenda: - um erro não justifica outro. Tente perdoar.

Espírito – Não se intrometa na minha vida... Ele violentou minha mulher e matou todos nós. Eu quero vê-lo no inferno. E depois, a sua mulher.

Doutrinador – Meu amigo, a sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória. “Quem matar pela espada, morrerá pela espada”, ensinou-nos Jesus. É a lei de causa e efeito. Saiba, portanto, que a Divina Providência já está cuidando do caso. Veja o sofrimento deles...

Espírito – Acho pouco.

Doutrinador – A Justiça Divina vai se encarregar de seu caso, mesmo sem o seu concurso. Deixe-o nas mãos de Deus. Não vale a pena sujar de sangue as suas mãos.

Espírito – Isso não me interessa. Me deixe em paz. Vou-me embora.

Doutrinador - Se você quer ir embora, tudo bem, mas antes me permita fazer uma prece em seu favor. Depois você irá.

Notas:

1. Nesse ponto o doutrinador faz uma prece pedindo a Jesus que **abrande** o coração daquele irmão, afastando de sua mente o sentimento de vingança, e **permita** que os mentores espirituais presentes possam auxiliá-lo na recordação de sua vida passada, a fim de melhor compreender o mecanismo da lei de causa e efeito.
2. Durante a prece, a um sinal do doutrinador, o passista ministra o passe na entidade, enquanto a equipe mediúnica vibra em uníssono, reforçando mentalmente o pedido contido na oração.

Finda a prece, o recomeça o diálogo em tom ameno:

Espírito – Estou vendo na minha frente um túnel escuro... Não quero ir. Tenho medo!!!

Doutrinador – Nada receie, meu irmão. Vamos, tenha coragem. Estamos ao seu lado.

Espírito – (mantém silêncio)

Doutrinador – Pode me dizer o que você está vendo?

Espírito – É uma fazenda enorme e eu sou o capataz.

Doutrinador – Está tudo em paz?

Espírito – Aqui posso mandar e desmandar. A fazenda tem 80 servidores e um deles tem uma linda mulher. Estou apaixonado por ela... Eu vou tomá-la dele, na primeira oportunidade em que ele cometer um erro.

Doutrinador – (mantém silêncio)

Espírito – Ah! Chegou o momento. Ele foi amarrado ao tronco... Ordenei aos capangas darem várias chibatadas...

Doutrinador – (mantém silêncio)

Espírito – Bate mais! Bate mais!..... Oh! Meu Deus, ele está morto... (A entidade chora.)

Doutrinador – (espera um pouco e depois prossegue) - Meu irmão, volte ao presente.

Espírito – (continua a chorar e não fala nada)

Doutrinador - Entendeu, meu amigo? Percebeu a razão dos seus sofrimentos? A justiça de Deus, irmão, jamais falha, embora ela nos pareça, às vezes, lenta. Mas esse é um erro que nós, os homens, cometemos. Eleve seu pensamento a Deus e peça-lhe perdão. E começará para você e os seus uma nova vida.